

THEODORE SCHWARTZ: *The Paliau Movement in the Admiralty Islands, 1946-1954*. Anthropological Papers of the American Museum of Natural History, vol. 49, parte 2a., págs. 209-421, pranchas 14-28, 4 figs. no texto. Nova Iorque, 1962.

Em 1953-1954, o Museu Americano de História Natural financiou uma pesquisa para investigar os acontecimentos que transformavam profundamente a vida cultural nas Ilhas do Almirantado, no Pacífico. Descobertas em 1616, foram pouco exploradas até o século XIX, quando a Alemanha ali implantou um protetorado; mas só depois de 1914, com a tomada de posse pela Áustria, foram realmente submetidas ao domínio dos brancos. A partir desse momento, o trabalho obrigatório nas plantações, que já tinha sido iniciado pelos alemães, se intensificou; a administração pública chegou às aldeias, modificando-lhes a estrutura de autoridade; as missões religiosas, católicas e protestantes, empreenderam a conversão dos nativos; a moeda européia e objetos europeus invadiram o Arquipélago. Todavia, a antiga cultura persistia em muitos de seus setores; o sistema de trocas não desapareceu, e com êle persistiu o sistema de parentesco, que mutuamente se apoiavam. Os bens ou o dinheiro economizado pelos indivíduos que iam trabalhar durante três anos entre os brancos, eram incorporados às posses da família, logo após o regresso, vindo a constituir um fator de permanência desta.

Aparentemente a aculturação se processava de maneira satisfatória, a julgar pela conversão da maioria dos nativos ao Cristianismo. Não tinham os missionários noção de que, atrás de uma fachada de aceitação, o que existia era, realmente, uma reinterpretação da nova religião em termos dos antigos cultos. Não se perdera o antigo modo de pensar dos indígenas, que persistia e era fundamental: aqueles que aderiam à religião "certa" forçosamente adquiririam riqueza, poder e longevidade a ela estreitamente vinculados.

A guerra trouxe a ocupação japonesa, em 1942. Durante êste período e o subsequente, até a libertação, os missionários abandonaram as Ilhas e o trabalho de catequese esteve nas mãos de catequistas ainda pouco treinados em religião, de modo que pôde haver um fortalecimento das idéias ancestrais. E, imediatamente após a II Grande Guerra, os nativos do Arquipélago do Almirantado foram prêsas de um Culto da Carga — crença comum no Pacífico, mas que entre êles ainda não se havia manifestado. Distinguia-se o Culto por vários fenômenos, como a destruição de propriedades; possessões convulsivas individuais ou coletivas; visões individuais ou coletivas, com alucinações; experiências de comunicação direta com a divindade ou com os mortos. Terminado o Culto — nalgumas comunidades de maneira abrupta, noutras com uma série de recorrências antes de acabar de todo —, as mesmas comunidades em que se tinha produzido aderiram ao Movimento de Paliau.

E' Paliau um indígena educado nas missões que, ao regressar da guerra, inaugurou um Movimento com um programa de reformas à moda ocidental, que teve aceitação nalgumas esferas nativas; o Movimento formulava reivindicações sociais, econômicas, políticas e religiosas. Imediatamente depois de terminado o Culto (que durara 3 meses), os adeptos ingressam no Movimento e êste em um incremento muito grande; é a fase que Schwartz chama "organizatória", pois em sua vigência começam a realizar-se alguns dos itens do programa de Paliau: tribunais nativos, conselhos de administração de comunidade, cooperativas. Segue-se uma fase de estagnação, em que

os líderes esperam que o govêrno legalize as iniciativas tomadas; fase também de descrença e abandono, muitos adeptos deixando o Movimento, pois o govêrno australiano parecia não dar atenção às reivindicações. A esta fase seguiu-se um reavivar do Culto da Carga, claramente compreensível: uma vez que o govêrno não atendia às reivindicações, era preciso lançar mão de poderes mais altos, os sobrenaturais, a fim de promover as mudanças necessárias ao equilíbrio da vida nativa. Foi esta a fase mais especificamente estudada por Schwartz, pois ocorreu justamente enquanto estava êle no campo. Por outro lado, ela efetuava uma divisão entre indivíduos ainda presos às antigas crenças, que passaram a se entregar ao Culto, e os que já se tinham libertado de maneira decisiva e que não aderiam a êle. Quando o Autor se preparava para deixar o Arquipélago, vieram notícias de que o govêrno finalmente oficializava tôdas as iniciativas nativas, e o Movimento do Paliu recrudescceu. Culto e Movimento então se apartaram definitivamente: os que ainda não tinham conseguido desligar-se inteiramente da antiga cultura, ficavam presos ao Culto, enquanto os "evoluídos" entravam em nova fase de dinamismo e de empreendimentos.

Eis, de modo ligeiro, um resumo do alentado trabalho do Autor, excelente e completa monografia sôbre um dos fenômenos culturais mais importantes observados na Oceânia nos últimos tempos, e que diz respeito à modernização das culturas nativas. A associação entre o Culto da Carga e o Movimento de Paliu indica de maneira explícita que os Cultos da Carga, como já haviam verificado alguns autores, constituem transição entre a cultura tradicional e a nova cultura ocidentalizada. Não se trata, pois, de fenômenos de puro fanatismo, nem de "loucuras coletivas", mas de processos de transformação, em que o Culto tem o valor de um símbolo de tôdas as mudanças que estão se operando: formado por elementos nativos e cristãos associados, é a primeira acomodação entre dois estilos de vida completamente diferentes. E uma vez efetuada a transição, os nativos evoluídos abandonam-no, numa laicização de seus empreendimentos, que é o mais seguro característico da nova mentalidade.

Maria Isaura Pereira de Queiroz

*

B. HOLAS: *Cultures Matérielles de la Côte d'Ivoire*. 96 págs., 25 figs. no texto e 60 pranchas. Paris. Presses Universitaires de France, 1960.

O desenvolvimento dos estudos etnológicos em nosso país vem se realizando num nível em que a análise específica da cultura material de populações tribais é praticamente relegada ao esquecimento. Daí a necessidade de se chamarem à atenção dos estudiosos brasileiros, através de uma resenha, as possibilidades que êste campo oferece, tal como são exemplificadas pelo trabalho de B. Holas. Conservador do Museu de Abidjan e especialista na etnologia da Costa do Marfim, o autor demonstra que a apresentação de material etnográfico não se limita necessariamente a meras descrições. B. Holas fornece, no dizer de seu prefaciador, o presidente da República da Costa do Marfim, "une relation détaillée des coutumes correspondant à leur usage et une explication des signes qu'ils représentent, de par leur forme, leur décoration ou la manière dans laquelle ils sont façonnés." (págs. 5-6). O autor não apresenta seu material apenas como testemunho de um passado tribal em fase de desaparecimento, mas coloca-o, de maneira dinâmica, dentro das transformações atualmente em processo naquela área em desenvolvimento.

O trabalho refere-se ligeiramente à pré-história e arqueologia da Costa do Marfim, voltando em seguida, na parte significativamente intitulada "Temps modernes",